



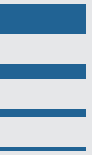
# Guardiões e Exu: as múltiplas personificações de Exu no contexto da Umbanda, e sua inserção no Universalismo

*André de Locke Soares Peixoto<sup>1</sup>*

<sup>1</sup>Universidade de Brasília, Janeiro – 2015

**RESUMO:** Numa trajetória pelos centros umbandistas presentes em Brasília, esse artigo depara-se com o Universalismo. Com o objetivo de abordar, de maneira geral, as várias personificações de Exu dentro da Umbanda, e, mais especificamente, a sua presença no chamado Universalismo. O trabalho que lhes é apresentado leitor, é um tanto quanto solto, nas facetas e formas de se conceber Exu. É trazido um breve relato etnográfico de sua presença no ritual litúrgico umbandista e breves considerações de cunho analítico à essas observações. Elas ressoam, por entender, as explicações dadas para utilização de determinados elementos nos rituais de Exu, por exemplo, as bebidas alcoólicas, charutos e cigarros, e de que forma se encaixam na lógica universalista.

**PALAVRAS- CHAVE:** Exu. Umbanda. Universalismo. Guardião.



<sup>2</sup>“(...) os orixás idealizaram o universo astral e outros espíritos construíram. Pois estes outros espíritos são chamados de Exus. São os Exus Cósmicos” (Revista Umbanda – ano 1 – n°4, 1995).

<sup>3</sup>PRANDI, 2002.

<sup>4</sup>Aqui, a terminologia que considera uma ação “louvável”, ou mesmo “benfazeja”, e seus respectivos opostos e sinônimos, vincula-se às explicações, que considera a moralidade da Umbanda, vinculada a moralidade cristã e Kardecista (SILVA, 1994), não obstante o ideal de evolução do ser, presente no kardecismo, também aparece em consórcio com várias manifestações umbandistas ( BIRMAN, 1985). Aqui não cabe elucidar historicamente, ou mesmo um aprofundamento em tais elementos, pois tais semânticas carecem de especial atenção. Fiquemos então á cargo de considerarmos, a moralidade

## OS EXUS

“Taxado de espírito atrasado, mas também considerado como agente mágico universal. Há umbandistas que distinguem inclusive o Exu pagão (espíritos ‘ainda empedernidos na prática do mal e de atos repulsivos, abjetos, odioso etc.’) e Exu batizado (que seriam espíritos, que apesar de não ter nenhuma evolução espiritual, reconhecendo o erro que praticavam agora só praticam o bem sob orientação de um Guia de elevada luminosidade.” (CONCONE, 1987, p. 140).

O Exu no contexto da Umbanda aparece de diversas formas, como “Guardiões” dos templos religiosos, entidades que estão presente desde a gênese do mundo (Exus cósmicos<sup>2</sup>). Assim como entidades vinculadas às “forças” tidas como das trevas, intercambiados, quando se refere a um sincretismo, à figura do diabo no Cristianismo (SILVA, 1994) etc.

No artigo intitulado *Exu, de mensageiro a diabo*, de Reginaldo Prandi, o autor faz uma perquirição, pelas múltiplas formas o qual Exu foi disposto, em contextos religio-

sos distintos. Concomitantemente, o artigo aborda o processo de transfiguração e reinterpretação do orixá em território “fom ou ioruba<sup>3</sup>”, por parte de pesquisadores e missionários católicos, que lhes atribuíam preceitos dessa religião para lhes designar características analíticas. Posteriormente no Brasil, com as manifestações religiosas de Candomblé, e posteriormente de Umbanda, tal entidade fora, e, é constantemente reinterpretada, adequando-se às formas várias de se conceber a “figura do mal”, na lógica cristã, circundante em muitos terreiros, principalmente, quando se trata especificamente de Umbanda.

Se por um lado são entidades que cuidam da proteção dos locais religiosos, e tidos como sagrados pelos adeptos da religião, são espécies de guardiões, e mantenedores da “harmonia” ali presente, no campo espiritual e material. (SARACENI, 2008)

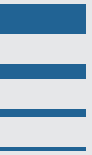
Por outro lado, agem nas tarefas malfazejas, ou mesmo, pelo fato de serem entidades se desenvolvendo e “evoluindo moralmente”, não têm vinculação direta e inquebrantável com ações moralmente louváveis<sup>4</sup>, em suas mediações com o “mundo dos vivos”, agem dessa forma,

fazendo o “bem e o mal”. Ou mesmo, “(...) incorporam nos médiuns para serem doutrinados e trabalharem a fim de evoluírem espiritualmente.” (SILVA, 1994, p.123)

A palavra entidade na Umbanda refere-se, assim como na acepção do dicionário, “aquilo que constitui a essência de uma coisa, (...), ente, ser.” (FERREIRA, 1986). Dessa maneira, a classificação desse termo refere-se à “pessoa viva do morto” (BRANDÃO, 1994), o que torna a “entidade”, e seu aparecimento/manifestação, num culto umbandista, a manifestação de um sujeito, pessoa<sup>5</sup>.

Exu como entidade, que dantes fora um indivíduo vivo/encarnado, é reconhecido em alguns segmentos da Umbanda como um indivíduo que quando vivo, situava-se entre os marginais, boêmios, malandros, assassinos... Sendo seu remanescente feminino, as Pomba-giras, mulheres dantes, adúlteras, cortesãs, prostitutas, donas de bordeis etc. (PRANDI, 2002). Mas, que agora se manifestam, levando consigo as pluralidades dos “baixos afazeres mundanos”, de paixões carnis, desejos, vícios, tal qual, nas mediações de relacionamentos correspondidos e não correspondidos etc.

Um das distinções dessa entidade



umbandistas, vinda das práticas/formação moral e de crenças, dos dirigentes de cada centro.

<sup>5</sup>Uma outra acepção para o termo entidade, na sua abrangência para os tantos outros orixás, refere-se a uma “energia”. Que em seu sentido “mais puro”, não materializa-se num sujeito, ou pessoa, mas sim, uma essência, uma vibração, que se desloca entre várias outras dimensões. (SARACENI, 2013. MATTA E SILVA, 2013. Entre outros autores.)

<sup>6</sup>Optei nesse artigo, a utilização do termo “centro”, para designar a localidade onde ocorrem os cultos umbandistas, tendo em vista a pluralidade de termos como, *tendas, casas, terreiros, roça*, etc. o termo *centro*, busca abarcar tal pluralidade.

<sup>7</sup>O que na Umbanda se considera por “bem e mal”, leva em conta a presença de elementos católicos

para as outras, no “panteão dos orixás brasileiro” (PRANDI, 2001), e até mesmo a diferenciação da abordagem da Umbanda para outras religiões é que, ao tomar um dos aspectos citados da “personalidade de Exu”, agir deforma maligna, “baixa”, ele não será em todo caso expurgado ou renegado em seu processo de manifestação em um centro umbandista<sup>5</sup>. Pois, aquilo que na Umbanda se considera mal<sup>6</sup>, não é tido como um combate ativo às “tendências ruins que nos pertencem”. Ou tão somente, uma aversão do bem ao mal, em outras palavras duas polaridades que se repelem ou se reprimem. Na Umbanda essa dualidade é trabalhada no âmbito do culto, seja por meio da própria aceitação dessas manifestações, seja pela confraternização que os consulentes têm com elas. Permitindo uma interação dessas duas polaridades em confraternização amistosa dentro do âmbito do culto.

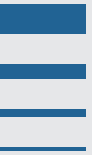
Trabalho na Umbanda é, aos poucos, descoberta no âmbito dessa pesquisa, concomitantemente com a categoria posta neste artigo, deve-se pelo menos lhe direcionar possíveis explicações. Trabalho se apresenta em diversos planos, tanto na relação dos sacerdotes ali presentes para

com aqueles que serão atendidos, quanto na pluralidade que organiza os cultos. Organizar um culto é empenhar trabalho, manual e espiritual, para o êxito das atividades a serem realizadas. Porém, as “entidades que trabalham”, ou “são trabalhadas”, designam uma relação médica, um tratamento, seja ele a aplicação de passes<sup>7</sup>, uma conversa fraterna, uma manipulação de determinadas plantas... Enfim, expresso nas diversas formas e métodos de “curar” os doentes “vivos”, ou na “pessoa viva do morto”, o trabalho põe-se referenciado com grande equivalência na lógica terapêutica do termo.

Por outro lado, existem os “trabalhos baixos”, que os Exus são conhecidos por realizarem. É nele que grande parte do senso comum, tal qual nas religiões de cunho protestantes e algumas vertentes do cristianismo, concebem tal entidade. Nas amarrações, nos contratempos, nas dificuldades e mazelas várias ligadas as paixões e infortúnios, nos “caminhos fechados (e abertos)” nos vícios etc. Em suma, os trabalhos de Exu descortinam-se na religiosidade brasileira, revestido de nossas vicissitudes.

Em determinada visita a um centro

umbandista em Brasília, diferente do pesquisado, observei que vários consulentes e médiuns<sup>8</sup> do centro traziam bebidas e presentes voluptuosos para o terreiro, que foram entregues, em determinada hora da sessão para os Exus, no caso, quando esses se manifestavam. Os consulentes procuravam soluções para suas mazelas espirituais e materiais, trazendo, com isso os presentes para bem agradá-los, e obterem de tais entidades um respaldo. Mas, também, a possibilidade de agradecer algo obtido. Cabe para tal relato o *Ensaio Sobre a Dádiva* de Marcel Mauss: “As relações destes contratos e trocas entre homens e destes contratos e trocas entre homens e deuses esclarecem todo um aspecto da teoria do Sacrificio” (MAUSS, 2008. p.73). Com tal observação, e valendo-se da citação, temos que a confraternização dos Exus para com os consulentes, em gestos de proximidades afetuosas, e não somente pela troca de favores, demonstra uma afetividade e admiração, que os consulentes estabelecem para com os Exus, ou como muitos preferem denominar “meu Exu<sup>10</sup>”.



e kardecistas, em sua formação. A historicidade tal qual a distinção pormenorizada encontra-se no artigo “Exu, de mensageiro a diabo. *“Sincretismo Católico e Demonização do Orixá Exu”*. de Reginaldo Prandi, 2002.

<sup>8</sup>Troca e ou doação energética (ARMOND, 1990), ocorrida geralmente, pela a imposição de mãos daquele que o realiza, para com o paciente. O aprofundamento explicativo e suas ramificações, tem nas obras de Allan Kardec, maior respaldo. Cabe lembrar que as obras de Kardec são amplamente difundidas dentro da Umbanda.

<sup>9</sup>Designação Kardecista para “pessoa podendo servir de intermediária entre os Espíritos e os homens” e “toda pessoa que sente, em grau qualquer, a influência dos espíritos (...) esta qualificação não se aplica, senão, àqueles nos quais a faculdade

## UMA DOUTRINA UNIVERSALISTA

Creio que uma explicação pormenorizada do que vem a ser o “próprio Universalismo”, terá que conceber múltiplas acepções filosóficas, científicas e religiosas, uma vez que o próprio termo nos remete a tais campos de compreensão<sup>11</sup>.

Porém, para situarmo-nos melhor, considera-se a concepção como sendo uma “doutrina” que adere a diversas acepções religiosas distintas, tais como Catolicismo, Budismo, Hinduísmo, Taoísmo, Kardecismo, dentre tantas outras, que se encontram nas religiões e dogmas do Oriente quanto do Ocidente.

Tomará uma ótica filosófica científica um tanto quanto peculiar, para conceber, interpretar, e mesmo reinterpretar tais preceitos e trejeitos religiosos. Com isso, o termo universalista, dentro do contexto religioso estudado, será aquela doutrina que parte de uma religião base (o que é pesquisado de Umbanda), mas que articula-se em outras formas de se conceber o mundo e a natureza, situando-se em múltiplos credos religiosos e linhas filosóficas, tais como científicas, que dialogam com o saber em questão.

O que se observa na lógica universalista é um discurso a respeito da “harmonização dos diversos princípios doutrinários e religiosos”, que compõe tal e tais cultos. Por exemplo, o Hinduísmo terá preceitos não abordados, ou até mesmo não aceitos pelo Catolicismo, como a crença em outros deuses... Uma vez que, o Universalismo se propõe unificar às várias vertentes de pensamento, justifica as diferenças de crenças e lhes atribui importâncias distintas. Para justificá-las, diz-se que ambas tratam “de uma mesma verdade” abordada de forma diferente, ou mesmo, que cada religião, seita, doutrina, filosofia etc., está em busca da “verdade<sup>12</sup>”, e que alguns desses segmentos optam por “caminhos” diferentes para chegarem a um mesmo local.

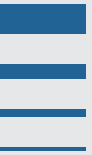
Já a importância destinada a cada doutrina religiosa, é antes de tudo vinculada à formação religiosa dos próprios dirigentes, ou daqueles que na casa, são pioneiros nos trabalhos ali realizados. Dessa forma, a religião eleita como base, assume maior importância e representação. Seja na fala, nos rituais, nas linhas interpretativas para determinados assuntos, segue-se na “religião base<sup>13</sup>”, os pressupos-

tos iniciais para se interpretar ou justificar, determinados assuntos e práticas rituais. É importante destacar que, no Centro Universalista da Divina Luz Crística, como já dito anteriormente, parte de uma religião base. Ela irá ser tida como fonte primária do saber, cabendo aos outros princípios religioso-doutrinários “completar” o que ela não aborda. Ou mesmo reinterpretar as diversas crenças religiosas circundantes em tal centro, a partir da lógica umbandista.

Com uma poética um tanto quanto mequetrefe concluo essa parte, afirmando que essa doutrina, ao engendrar diferentes mecanismos de diferentes dogmas, complementando-se e esgueirando-se das diferenças, é tomada como: “uma roda que anda sem girar”.

## CENTRO UNIVERSALISTA (CONSIDERAÇÕES ETNOGRÁFICAS)

Em um primeiro contato com o Centro Universalista da Divina Luz Crística<sup>14</sup>, localizado na Asa Sul (Brasília, DF) houve em certa medida, um estranhamento, ao compará-lo com outras “casas/tendas” umbandistas. A



medianímica, está nitidamente caracterizada, e se traduz por efeitos patentes de uma certa intensidade. (KARDEC, 2008, o338 e 135,.)

<sup>10</sup>Ordep Serra em seu artigo “No Caminho de Aruanda: a Umbanda candanga revisitada” (Afro-Ásia, UFBA, n 25-6, 2001, p. 215- 56), traz uma interessante análise a respeito da Umbanda e sua relação com a Quimbanda. Considerada, como nos mostra o autor, por diversos umbandistas, a “linha negra”, o lado de baixas magias na Umbanda, nela se faz maior alusão à figura de Exu. Ordep Serra, relaciona os cultos á Exu dentro da Umbanda, como sendo um “pedaço da Quimbanda” dentro dela. Nesse ponto, o autor traz elucidativas considerações, afirmando que a visão que a Umbanda tem de “bem e mal”, não se restringe a uma lógica católica de oposi-

começar pelo dia dos ritos públicos, segunda-feira (20h), o ambiente se encontrava, em minha percepção, como sendo um arcabouço de diversas culturas, muito embora o culto ainda não tivesse começado. Nas paredes, diversos quadros, com pinturas do Sheeva (Mitologia Indiana), do Ramatis (Kardecismo e Umbanda), um quadro do OM (mantra indiano), um outro quadro de São Francisco de Assis (Catolicismo), uma pequena estátua de Iemanjá. Incensos, florais, essências, pomadas, e tantos outros artifícios que permeavam a própria Umbanda e outros dogmas.

Antes de iniciar o culto propriamente dito<sup>15</sup>, costumeiramente, um dos trabalhadores da casa tece comentários de cunho moral em forma de palestra para os frequentadores/visitantes (encontram-se numa média de 50 a 60 pessoas por sessão), comentários esses, baseados principalmente na doutrina da Umbanda e do Kardecismo. Geralmente esse “palestrante inicial”, lê e comenta o livro “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, de Alan Kardec.

Nesse meio tempo outro trabalhador da casa, “prepara o ambiente” passando um “defumador<sup>16</sup>” dentre os visitantes, que

ficam dispostos em cadeira enfileiradas de frente a área de realização do culto. Terminado esse processo conjunto, um outro trabalhador pronuncia alguns comentários finais, mas sem utilizar nenhum livro, trazendo tão somente a sua fala como instrumento de esclarecimento para os frequentadores do que ali será realizado. Pode ocorrer também, que aquele que presidiu a curta palestra inicial já cumpra tal papel de esclarecimento, isso não é um processo que ocorre de maneira absoluta e sem modificações.

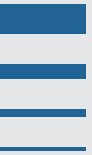
Segundo alguns trabalhadores da casa, esse primeiro momento já é um passo dentro do processo de auxílio para aqueles que ali estão procurando alguma ajuda ou conselho de cunho espiritual ou físico. Pois, a defumação, assim como a palestra, ou mesmo o simples fato de adentrar tal ambiente, fazem parte dos primeiros trabalhos realizados tanto pela “espiritualidade”, quanto pelos trabalhadores “vivos”, para a “melhora” dos presentes.

Em seguida, forma-se um grande círculo dos que irão ali desempenhar atividades rituais, não importando uma divisão de gênero e ou idade. Os consulentes perma-

necem sentados. Os cultos, propriamente ditos, são iniciados com uma prece daquele que irá presidir os trabalhos, geralmente a dirigente da casa. Sua fala invoca diversas entidades e elementos de outras culturas, tais como as já mencionadas.

Finda suas considerações e prece, tem-se de fato um “mergulho na Umbanda”, apesar de não se usar atabaques, opção da própria dirigente, a voz repercutida pelo “corpo mediúnico” da casa, e pelos que ajudam no apoio aos trabalhos e aos trabalhadores, e por muito dos frequentadores mais experientes, “firmam o ponto<sup>17</sup>”.

O Passe que ocorre logo após a “incorporação” de alguns médiuns dispostos nesse círculo, tem seu “início” ao receber os consulentes por fileiras, (na disposição sequencial das cadeiras em que se encontram), sendo que cada consulente fica à disposição de um “médium/entidade”, que juntos formam um corredor por onde passaram os que receberão o passe. Essa defronte ao consulente realiza movimentos sobre seu corpo, mas sem tocá-lo. Variam, desde mãos balançando rapidamente sobre o corpo do consulente, até a mãos que se portam de maneira mais “calma”. Os consu-



ção “Deus e Diabo” “bem eterno e mal eterno”, essa vincula-se a preceitos espíritas que relativizam o “mal”, tornando-o provisório e o bem eterno (p. 248). Porém, não adotando a causa espírita por inteiro, tão menos á católica, a Umbanda adota a presença e representatividade do “mal”, como algo passageiro, mas relacionado a nosso cotidiano, muito próximo, em alguns casos, do “bem”. O que se cabe na Umbanda “são estratégias alternativas para lidar com as coisas situadas em outro marco de valor. Nessa perspectiva, há que aderir ao bem, mas não se pode ignorar o mal.” (p. 248).

<sup>11</sup>Para mais informações [http://www.terreirotioantonio.com.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=68:universalismo&catid=34:documentos&Itemid=55](http://www.terreirotioantonio.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=68:universalismo&catid=34:documentos&Itemid=55) ) ou para o centro pesquisado: <http://www.divinaluzcristica.com/#!universalismo/cxz>

lentes, em pé, ficam parados, e recebem tal aplicação, geralmente de olhos fechados. Têm-se atrás desses médiuns outros não incorporados que auxiliam a movimentação dos consulentes e suas devidas posições nesse corredor. Finaliza-se o passe quando a entidade, tocando levemente o consulente, lhe reajusta na posição que chegou. Não obstante, a forma que se aplica o passe é grandemente variada, porém existem elementos que se assemelham. Por exemplo, alguns sinais feitos com os dedos sobre a cabeça dos consulentes, posicionar a mão na direção do abdômen dos mesmos, e seguir a retirada com estalidos de dedos. Dentro da lógica da casa, e em uma abordagem kardecista, os locais em que se posiciona as mãos são nos Chacras: “(...) são pontos de conexão ou enlace pelos quais flui a energia de um a outro veículo ou corpo do homem.” (LEADBEATER, 1968, p.19)

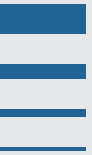
Finaliza-se os passes e com uma liturgia semelhante a do início, forma-se um novo círculo, porém, com a permanência dos pontos cantados, que desde do início não findaram. Esses agora ganham mais forças, pois os que antes estavam incorporados<sup>18</sup>, agora, retomam ao estado inicial

da liturgia, e cantam juntos. Agradecem às entidades que ali contribuíram para o trabalho e se preparam com uma breve pausa nos pontos cantados, para a segunda parte dos trabalhos. Essa segunda parte, no centro em questão, é destinada para uma entidade específica, isto é, em cada reunião pública, após o passe (realizado majoritariamente pela falange de caboclos), dedica-se à segunda parte, apenas para um grupo de entidades específicas, sendo elas, pretos-velhos, caboclos, ciganos, e guardiões (Exus). Vale ressaltar que a gira de Exus e ciganos ocorrem apenas uma vez por mês, salvo as festividades.

Inicia-se a segunda parte que consiste nas consultas individuais. Uma nova e, a priori diferenciada “letra de entidades” espírituais, incorporam em alguns médiuns que prestaram consultas. A liturgia é a mesma do início, em forma de círculo canta-se os pontos, e aos poucos, as entidades se manifestam pelos médiuns. Alguns desses trabalhadores que auxiliam na organização do rito, no direcionamento e na prestação de serviços, naquele determinado instante para as entidades, denominados “canbono<sup>19</sup>”; reorganizam o espaço para as

consultas, colocando os banquinhos, arrumando as ervas, auxiliando os médiuns que receberam entidades a se posicionarem em seus devidos locais, para assim prestarem consultas. Quando inicia-se as consultas individuais os pontos cantados cessam e dão lugar à música ambiente, escolhida previamente. Geralmente são Cd’s de pontos de Umbanda, mantras, músicas *New Age* ou semelhantes.

*No caminho de Aruanda: a umbanda candanga revisitada*<sup>20</sup>, o autor cria um esquema analítico do processo litúrgico para “sessões ordinárias” (momento do culto, em dias de trabalho comum). Resumidamente, cada episódio desses aqui narrados, corresponderia a uma letra, passível de subdivisões numéricas para ações específicas dentro dos episódios. Juntos, formariam um esquema, do tipo: A – B – C, sendo, A, correspondente ao processo de abertura, purificação inicial (defumação) e ritos preliminares. B, invocação, manifestação e celebração. C, atendimento. Com isso, o autor possibilita relacionar e comparar o processo litúrgico, tal qual direcioná-lo esquematicamente para formas diferenciadas de outros processos litúrgicos



<sup>12</sup>Em suma, a noção de verdade observada, aplica-se a trejeitos religiosos, como é o caso bíblico de “conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”.

<sup>13</sup>Ou “religiões bases”, no plural, uma vez que o processo de formação religiosa dos dirigentes de centros podem ser transpassados por outras religiões, como é o caso estudado. Onde a dirigente, antes kardecista, se converteu a Umbanda.

<sup>14</sup>Ultimamente o nome fora alterado para Fraternidade Universalista da Divina Luz Crística.

<sup>15</sup>Aqui atribuo fatos observados outras vezes.

<sup>16</sup>Uma espécie de incenso, utilizado para dissipar as energias negativas e densas que os que ali adentram trazem consigo, devido às interações ordinárias do dia a dia, nos ambientes de tra-

dentro da mesma religião. Cabe notar, que após o atendimento (C), segue-se a lógica B\* - A\* (B\*: Despedida, Retirada, Celebração; A\*: Purificação final, encerramento, Ritos Pós-Liminares) para o encerramento das atividades. Quando, numa mesma sessão outras falanges se manifestam, o esquema muda após C, mas a construção inicial é sempre mantida. Como o centro analisado cada sessão é específica de cada entidade, podemos dizer que o esquema se faz de forma análoga, sem alterações. Em suma, encontra-se da seguinte forma: A-B-C-B\*-A\* (SERRA, 2001, p. 241).

Por fim, cabe ressaltar que nos dias de culto destinados aos Exus, não se altera os horários de celebração, nem mesmo, o esquema litúrgico para recebê-los. A diferença se faz nos meandros e performances desses em relação às outras falanges.

### NOS MEANDROS DE EXU (GUARDIÕES)

A gira de Exu, denominado também “guardião”, em justaposição ao centro universalista, apresentam certas características que parecem destacar-se do restante das outras giras

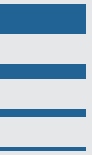
(prioritariamente, Preto-Velho e Caboclo).

A primeira é que no dia da gira, em uma das observações, os médiuns demonstravam, seja de forma discreta, certa animação e ansiedade. Essa distinção dos outros dias de trabalho se confirmava pelos comentários que volta e meia se ouvia em curtas entrevistas antes do culto começar, “eita hoje é dia de guardião.” O palestrante, antes do início da gira, esclareceu aos presentes o fato de preferirem o termo guardião, ao invés de Exu, ao passo que tais entidades:

“diferentemente do que muitos pensam, não são agentes de forças malignas, ou agem para o mal, muito pelo contrário, são protetores dos locais religiosos e dos cemitérios. As pombas-gira, não são mulheres de vida fácil, ou ligadas a baixas paixões, são na verdade, exímias conhecedoras das paixões humanas. As vestimentas pavorosas que os Exus(guardiões) apresentam no astral, são as ferramentas que lhe possibilitam, andar em locais densos, em verdadeiros infernos. Ou vocês acham que um espírito todo cheio de luz, apresentando características angelicais, conseguiria andar por entre essas zonas do baixo astral, sem desperta atenção? E até serem

atacadas. Os Exus(guardiões) apresentam essas formas, para poderem trabalhar sem serem notados.” (Depoimento de um dos dirigentes)

Decorrido a palestra, e passando os momentos após o passe que de certa forma ocorre como todos os outros dias, após iniciar-se o momento da gira, as mulheres demonstravam certa “sensualidade” muito discreta. Diferente de tantos outros relatos que trazem a imagem das incorporações de pomba-gira, sempre muito festivas e espalhafatosas<sup>21</sup>. As “incorporações” iniciadas se dão com as conhecidas gargalhadas por parte de alguns que “receberam” as entidades. Vale ressaltar que as gargalhadas são tidas, segundo um dos trabalhadores, “para dissipar as emanções energéticas daqueles que nos querem fazer mal.” E, são quase sempre sobrepostas pelos pontos cantados, em uma altura que sobressai ao som das gargalhadas e alguns bater de pés. Termina-se as primeiras, e mais visíveis incorporações dos Guardiões. Feito isso, inicia-se a adequação do ambiente para o trabalho dos médiuns já incorporados para receber os consulentes. Mas dessa vez, com ascendimento de charutos,



balho, na rua, algumas vezes em seus lares, etc. Segundo a lógica local.

<sup>17</sup>“Ponto”, numa explicação simplificada, cabe nesse contexto, como as músicas de devoção, cantadas, para proporcionarem ao ambiente, o equilíbrio necessário para o êxito das atividades a serem realizadas. Como nos apresenta Prandi, “As cantigas de Candomblé e os pontos-cantados da Umbanda são instrumentos de identidade das entidade.”(PRANDI, 1996, p. 144)

<sup>18</sup>Termo que utilizo com certo desdém, uma vez que os iniciados na doutrina não o utilizam com frequência, pois preferem utilizar outro termo, “recebem”. Pois consideram que incorporar é o “espíritos tomar o corpo do médium.” Eles afirmam que o que ocorre, é uma parcial manipulação por parte dos espíritos.

colocação de champanhes em taças, e a distribuição destes para os médiuns. Feito esses procedimentos, os trabalhadores que “receberam essas entidades” sentam-se ou permanecem alguns de pé, e recebem os consulentes por ordem de fichas numéricas, e numéricas preferenciais, que foram entregues antes do início da palestra.

Os Guardiões atendem um por um os consulentes e conversam o necessário que cada consulente impõe, ou seja, ficam a dispôr das perguntas a serem feitas, na maioria dos casos, os consulentes procuram uma cura de suas mazelas, ou até mesmo o porquê de tais e as devidas providências a serem tomadas para os males que afligem o emocional de cada um. A entidade, por sua vez, aconselha o consulente de forma um pouco enérgica e de curtas frases (característica dos Guardiões, na lógica local). Não sendo rude, mas sendo (segundo algumas entrevistas) “direto”. Se o consulente não tiver mais nenhuma pergunta ou inquietação, e se a entidade não tiver mais nada a acrescentar à conversa, é terminado o atendimento com um abraço, que a princípio parte da entidade/médium que estende o braço para tal. Esse abraço

é de curta duração, acompanhado por um “tapinha” nas costas, que equivale a uma “dissipação das energias más que o consulente traz em si” (informação obtida por iniciados na doutrina). Feito isso, a entidade recebe um novo consulente, e inicia-se a uma nova conversa. Já o recém-saído está “livre” da sua ligação ritualística, ficando a cargo de si mesmo se vai para sua casa ou permanece no próprio centro, mas o “meio” não o impulsiona a ficar ou a sair, fica a cargo de cada um. Visto que é comum uma maioria se retirar.

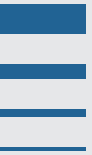
## OS GUARDIÕES MUDAM

Sendo a Umbanda uma religião que não detém um livro base de sua doutrina, somente livros que ainda não foram compilados de forma geral e categórica (uma base para a Umbanda que fora majoritariamente aceita). Os centros e seus dirigentes são peças fundamentais nesse processo. Se num centro, como esse que está em pesquisa, o dirigente (sendo ele quem doutrina e encaminha inicialmente os que se interessam por tal credo) tem certa carga de leitura

e tradição cultural diferente dos “outros”, por consequência, as manifestações e performances dos arquétipos representados serão distintas. Isso está muito bem posto nas “*Formas Elementares da Vida Religiosa*” de Durkheim “ (...) a unidade e a diversidade da vida social é que produzem, ao mesmo tempo, a unidade e a diversidade dos reses e das coisas sagradas”.(DUEKHEIM, 1996, p.455).

Concomitantemente a dirigente e fundadora da casa, onde se encontra a pesquisa (que adveio de uma linha de pensamento kardecista e de estudos de outras múltiplas religiões), propicia um enorme campo de apoio à construção teórica de sua relação com o meio religioso em que fortemente se apoia, a ponto de fundar seu próprio centro, onde utiliza-se do Universalismo para bem expressar essa expansão de fatos religiosos, cunhados e anexados numa mesma doutrina base, no caso a Umbanda.

A presença da nomenclatura guardião ao invés de Exu, no centro em questão, lhes atribui uma semântica que lhes relaciona a seus “afazeres no astral”, e não a seu “peso” histórico (e algumas vezes polêmico), no sentido plural do termo que o



<sup>19</sup>A função de um *canbono*, diz respeito ao auxílio e prestação de serviços às entidades, no momento do culto, lhes trazem, as ervas quando essas lhes pedem, acendem os charutos os cachimbos, trazem o café dos pretos velhos, e fazem anotações e algumas vezes interpretações, quando preciso, daquilo que a entidade recomenda ao consulente, quando este não entende, ou quando a recomendação é de suma importância, para ser seguida à risca, ou mesmo, um agendamento qualquer de retorno ao centro. Podem ser equiparados a enfermeiros que auxiliam um “médico de outro mundo”.

<sup>20</sup>Ordep Serra, “No Caminho de Aruanda: a umbanda candanga revisitada”. *Afro-Ásia*, UFBA, n 25-6, 2001, p. 241.

<sup>21</sup>Para maiores esclarecimentos, PRANDI, Reginaldo. *Exu, de mensageiro a diabo. Sincretismo*

nome Exu traz consigo. A escolha de um nome, ou termo, em relação a outro, entre tantos aspectos, refletem, também, uma forma de balancear os preconceitos advindos de fora da umbanda para com as manifestações que ali serão realizadas. Dessa forma, quando se fala que “hoje é gira de guardião”, não se tem a mesma carga semântica ao se dizer “hoje é gira de Exu”. Concomitantemente, se o viés interpretativo do que essa entidade realiza ou representa “no astral” lhe diz respeito a ser um guardião, chamam-no dessa forma, pois assim lhes valoriza e respeita, ao passo que ameniza os estranhamentos vindouros por parte “dos vivos” e principalmente daqueles que lhes “endemonizam”.

Os guardiões e ou Exus são com isso, dentro da Umbanda, uma mesma universalidade de opções a “mercê” das construções “ideológicas espirituais” dos dirigentes de cada centro. Não obstante, os guardiões demonstram ser essa “viga flexível” nas manifestações afro-brasileiras, porque são neles onde se mais observa essas mudanças doutrinárias. Fumar ou não fumar, beber ou não beber, a utilização de palavras baixas (na lógica do senso co-

mum), os conselhos e performance corporal, são todos elementos a se observar para traçar as mudanças de um terreiro para o outro, ou para um centro universalista umbandista. As semelhanças encaixam-se no plano dos aspectos comuns para se identificar tal entidade, mas, as diferenças propiciam a singularidade de cada espaço e as relações históricas que constituíram as características várias dos Exus, e dos locais em que se manifestam.

## CHARUTOS E BEBIDAS DE EXU

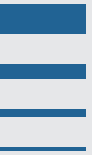
Em outro terreiro que frequentei por curto período de tempo, também localizado na Asa Sul (Centro Espírita Raio de Sol), deparei-me com uma diferente concepção de Exu. Nela se destacava um caráter mais festivo, os Exus eram visto com uma maior proximidade às relações humanas, a variedade de bebidas alcoólicas era maior, a proximidade dessas entidades para com os consulentes se dava de maneira mais jocosa. Os médiuns/entidades consumiam com mais frequência tais bebidas, ofereciam-na algumas vezes para os visitantes. Por outro

lado, os charutos e sua utilização não se distinguiam do outro centro.

Diferentemente do centro universalista, a própria organização dos horários e rituais, tal qual dos dias de atendimento ao público, se dava de maneira distinta. A construção litúrgica obtém grande semelhança com aquela disposta por Ordep Serra, ao enunciar o culto à falanges distintas, num mesmo dia de culto<sup>22</sup>.

Ao questionar um dos membros do Raio de Sol sobre o porque de tais entidades consumirem bebidas alcoólicas obtive: “Essas entidades ainda estão evoluindo, a gente da bebida para elas, esperando elas mudarem para melhor cada vez que elas vem aqui. Então hoje elas bebem. Mas diminuiu bastante do que era. O que a gente quer é que elas larguem o vício e evoluam.” A explicação dos charutos atuam na mesma esfera do centro universalista, “limpeza dos consulentes pelas baforadas sobre os mesmos”. Em ambos os centros afirma-se que os charutos não são tragados são postos da “boca pra fora”, com a função única de limpeza.

No centro universalista o uso de bebidas é mais contido, sendo sua variedade um



*católico e demonização do orixá Exu*” Revista USP, nº 50, 2001.

<sup>22</sup>Ordep Serra, *No Caminho de Aruanda: a umbanda candanga revisitada*. Afro-Ásia, UFBA, nº 25-6, 2001, p. 215- 56. Vale resalta que nesse mesmo trabalho, as características dos Exus, se assemelham às observadas.

<sup>23</sup>“Que pode ser reduzido a gás ou vapor” – Novo Dicionário AURÉLIO BUARQUE, 2ªed. Nova Fronteira 1986.

<sup>24</sup>“Densos”- Espirito ainda muito ligados a matéria (segundo visão local, advindo de uma lógica Kardecista).

vinho e um espumante. Interrogando um dos trabalhadores, ou melhor, num diálogo com a “própria entidade” que estava segundo a linguagem própria do centro, “utilizando o aparelho físico” daquela que é a dirigente da casa, ao interrogar sobre a bebida e o charuto, obtive a seguinte resposta:

“O Álcool é algo “volátil<sup>23</sup>”, com isso ele atua no campo físico e no campo espiritual, a gente bebe é para poder ter meios para ajudar aqueles irmãos que são muito “densos<sup>24</sup>”, onde somente a palavra não irá fazer ele mudar, por isso utiliza-se a bebida, para poder afeta-los e ajuda-los. O cigarro a mesma coisa, sua fumaça atua nos dois campos. Nós somos formados pelos reinos, mineral, vegetal, animal, e como alguns já dizem, hominal. O que nós fazemos é manipular esses fluidos, principalmente os das plantas, para ajudar os irmãos que precisam. Tudo é energia, mais densa ou menos densa. (pegou um copo de álcool de cozinha no chão) Veja esse aqui não é pra tomar, é somente para limpar o ambiente, e as pessoas carregadas.”

Na perquirição dessas visitas e dife-

rentes acepções surgiu tal questionamento: Por que o álcool em dado local é maligno às Entidades, e deve ser expurgado aos poucos, e no outro ele é instrumento de auxílio para os Exus, para seus trabalhos de ajuda aos consulentes igualando-se aos charutos, que em ambos os locais recebem uma mesma função.

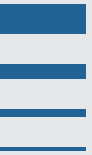
Pois bem, há certa semelhança que lhes aproximam. Nesse caso, o álcool, seja bebida, ou seja puro, é posto em todo caso como mecanismo de auxílio, seja de forma direta ou indireta. Isso é, para auxiliar os consulentes ou para auxiliar os espíritos. Ou seja, os consulentes por meio das entidades são auxiliados, porém, o mesmo ocorre de maneira quase contrária no “Raio de Sol”. Os “vivos” são quem prestam “auxílios” aos que estão sendo postos como fator chave no ritual como um todo, no caso, as entidades. As diferenças são aquelas já postas, quantidade de bebidas e o porquê do uso. O porquê do uso, como se pode perceber é o foco.

Se em um centro o uso está no âmbito do auxílio dos “vivos para os mortos”, consomem-na para ajudar as entidades a se libertarem do vício, ou mesmo como um

convite com ar “celebrativo” para direcioná-las a um melhoramento íntimo. Já no outro, além de ser ao contrário, a bebida toma parâmetros de acrisolar os fluídos dos pacientes e espíritos ali presentes. Nesse caso, é oferecer ao consulente um auxílio, não pelo consumo, mas como uma espécie de objeto de depuração das “energias não visíveis” que costumam acarretar prejuízos aos indivíduos.

É curioso notar que, o álcool, é um aliado para os trabalhadores e para os trabalhos, muito embora não seja mencionado nem direcionado o seu uso (bebidas) para os consulentes, em seus dia a dia, muito pelo contrário, prega-se o afastamento do mesmo, uma vez que “para os médiuns, ele atrapalha a comunicação com os espíritos” e para qualquer outro indivíduo, seja trabalhador, seja consulente, ele é nocivo. Porém, com a incorporação, ele é tido (uso bastante moderado, ou não) como ferramenta de auxílio aos problemas individuais tanto no “lado de cá, como no lado de lá”.

É importante destacar que em ambas as casas, em entrevistas, afirmam que “quem bebe são os espíritos/entidades,



os aparelhos (médiuns) não ficam com nenhum resquício”. Os charutos, de fato, não acarretam tanta polêmica. Nas explicações atuam tão somente na limpeza.

No caso da bebida alcoólica, seu uso era justificado argumentando-se que esse tinha uma ação e “vibração anestésica e fluídica” devido á sua evaporação, o que propiciava as descargas (limpeza) das pessoas(...) No caso da fumaça do fumo ou dos incensos, explicava-se que, sendo esta um gás, poderia destruir um fluido mau ou nocivo presente no ambiente. (Segundo SILVA, Citado por cf. Ortiz, 1978, p. 155)

Em ambos os centros os Exus são conselheiros para muitas das mazelas que se apresentam nos conflitos íntimos de cada um, valendo-se de elementos que permeiam os ataques e condenações de outras religiões (no caso as bebidas, e charutos), ao passo em que reinterpretem tais utilizações com conceitos fundados numa lógica que abarca outras e “mais aceitáveis” religiões, como o Kardecismo (ORTIZ, 1978). Dialogam com o distanciamento das vicissitudes, ao passo em que trabalham

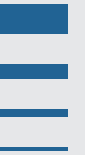
esses elementos de maneira parcialmente aceitável para as curas individuais, tanto “no lado de cá”, quanto no “lado de lá”.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

“O conceito alcançado entre nós pelo Espiritismo de Umbanda nestes últimos vinte anos de sua prática, deu motivo à fundação nesta capital de elevado número de associações destinadas especialmente a esta modalidade de trabalhos, cada qual procurando desempenhar-se a seu modo, para atender a um número sempre crescente de adeptos. Sua prática variava, entretanto, segundo os conhecimentos de cada núcleo, não havendo, assim, a necessária homogeneidade de práticas, o que dava motivo a confusão por parte de algumas pessoas menos esclarecidas, com outras práticas inferiores de espiritismo.” (Primeiro Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda: Trabalhos apresentados ao 1º Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda, reunido no Rio de Janeiro, de 19 a 26 de Outubro de 1941 - Federação Espirita de Umbanda, 1942, p.4)

É com essas palavras, advindas do primeiro congresso de Espiritismo de Umbanda, que demonstro as inquietações que permeiam este trabalho. Sendo até mesmo um dos primeiros questionamentos a serem postos e ainda buscados ao longo da pesquisa: onde se encontra as similitudes da Umbanda, para definir as suas diferenças, ou melhor, para definir as diferenças de Exu. Pois como já demonstrado, tal entidade é “altamente maleável” dentro da cultura afro-brasileira, ou restringindo-nos a análise, sua maleabilidade se expressa nesses dois centros, e até mesmo altamente maleável para os adeptos de outras crenças religiosas, que permeiam o assunto da crença no “outro lado”.

Não ignoro a necessidade de reconhecer como tal entidade é vista por outras religiões, como no caso do Protestantismo. Assim como as perspectivas sobre tal pesquisa não se abstém as já formuladas neste pequeno trabalho, pois é importante levantar questões sobre o contexto universalista de forma geral, saber como ele se dá no contexto social em que está inserido. Questionar as opiniões daqueles que estão dentro desse meio, no âmbito de sua visão



das outras religiões, enfim, estabelecer uma “ponte” da visão nativa para o censo comum e articulá-la em uma ótica de cunho acadêmico.

Já no âmbito dos elementos de Exu as elucidações ainda muito devem ser pesquisadas, pois, descobrir as proximidades e as diferenças, é uma tarefa de muito empenho, pois o que está no discurso dos “envolvidos” muitas vezes não demonstrará o que realmente permeia em tais meios. Assim como já citado, assimilar tais questionamentos na lógica do senso comum, e valer-se dessas opiniões para uma maior elaboração no campo teórico da figura de Exu. Por fim, saber demonstrar a imensidão dessa “flexibilidade” de Exu e as opiniões que o rodeiam, para inseri-lo dentro de uma análise pormenorizada da Umbanda nos dias atuais, tornando-o parâmetro de análise para o imenso panorama das múltiplas possibilidades na Umbanda que cada vez mais se multiplica, e torna a figura de Exu, desde um demônio católico, até um guardião dos locais sagrados.

Essa perspectiva, de guardião, se encontra difundida em obras literárias, umbandistas, como é o caso do autor Robson

Pinheiro<sup>25</sup>, que reformula a acepção tradicional da entidade, dantes demonizada.

## REFERÊNCIAS

Armond, Edgard. *Passes e radiações*. São Paulo, Editora Aliança, 1990.

BERKENBROCK, Volney J. *Experiência dos Orixás*: Um estudo sobre a experiência religiosa no Candomblé. 2. ed. Petropolis: Editora Vozes Ltda, 1999.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Somos as águas puras*. Campinas: Papirus, 1994

CAMARGO, Candido Procopio Ferreira de. *Kardecismo e umbanda*: Uma interpretação sociológica. Sao paulo: Pioneira, 1961.

CONCONE, Maria Helena Vilas Boas- *Umbanda*: uma religião brasileira. São Paulo, FFLCH/USP, CER, 1987

DUEKHEIM, Èmile, *As formas elementares da vida religiosa*: o sistema totêmico na Austrália- São Paulo: Martins Fontes, 1996

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

KARDEC, Allan. *Evangelho Segundo o Espiritismo*: Com a explicação das máximas morais do cristo em concordância com o espiritismo e suas aplicações as diversas circunstancias da vida. 113. ed. Rio de janeiro: Fed Espir Bras, 1997

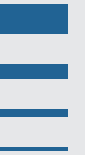
\_\_\_\_\_. *Livro dos Espíritos*: Contendo os princípios da doutrina espírita. 100. ed. Araras: Instituto de Difusão Espírita, 1996

\_\_\_\_\_. *Livro dos Médiuns*. ed. Araras: Instituto de Difusão Espírita, 2008.

Leadbeater, Charles W. *Os Chakras: Os Centros Magnéticos Vitais do Ser Humano*. São Paulo. Ed. Pensamento, 1968

MATTA E SILVA, Woodrow Wilson da. *Umbanda de todos nós*. São Paulo: ed. Ícone, 2013.

MAUSS, Marcel, *Ensaio Sobre a Dádiva*. Lisboa- Portugal. Ed. Edições 70, 2008



PINHEIRO, Robson; INÁCIO, Ângelo (Espírito). *Tambores de Angola*. Casa dos Espíritos Editora, 1998.

PRANDI, R. *Herdeiras do Axé*. Sociologia das religiões afro-brasileiras. São Paulo: Hucitec, 1996.

\_\_\_\_\_. *Exu, de mensageiro a diabo*. Sincretismo católico e demonização do orixá Exu. Revista Usp 50 (2001).

\_\_\_\_\_. “Exu, de mensageiro a diabo.” Sincretismo Católico e Demonização do Orixá Exu. *Dossiê Revista Cinquenta* 50 (2002): 46-63.

*Revista umbanda*- ano 1- n°4 ed. Escala. 1995

SARACENI, Rubens. *Orixá Exu: fundamentação do mistério Exu na Umbanda*. São Paulo. Ed. Madras, 2013.

TRINDADE-SERRA, Ordep J. *Dois estudos afro-brasileiros*. Salvador: Univ Fed Bahia, 1988.

\_\_\_\_\_. *No Caminho de Aruanda: a umbanda candanga revisitada*. Afro-Ásia, UFBA, n 25-6, 2001, p. 215- 56.

SILVA, Vagner Gonçalves da. *Candomblé e umbanda: Caminhos da devoção brasileira*. São Paulo: Ática, 1994

\_\_\_\_\_. *O antropólogo e sua magia: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre religiões afro-brasileiras*. São Paulo: EDUSP, 2006

-ORTIZ, Renato. *A morte branca do feiticeiro negro*. Petrópolis: Ed. Vozes 1978

-*Primeiro Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda: Trabalhos apresentados ao 1º Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda, reunido no Rio de Janeiro, de 19 a 26 de Outubro de 1941* - Federação Espirita de Umbanda. RJ: ed. Federação Espirita de Umbanda 1942.

<http://www.divinaluzcristica.com/#!universalismo/cxz>

[http://www.terreirotioantonio.com.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=68:universalismo&catid=34:documentos&Itemid=55](http://www.terreirotioantonio.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=68:universalismo&catid=34:documentos&Itemid=55))